
ECONOMIA PARANAENSE

Os efeitos do câmbio na pauta de exportações do Brasil e do Paraná

Luciano Nakabashi*

Luis Esteves**

Márcio José Vargas da Cruz***

RESUMO - A valorização cambial presenciada nos últimos anos ocorre em um momento onde a atual conjuntura internacional tem favorecido a entrada de divisas no país. No entanto, a valorização do câmbio tem efeitos sobre a pauta de exportações e, consequentemente, na estrutura produtiva da economia brasileira e paranaense de forma a afetar suas respectivas dinâmicas no médio e longo prazos. O presente estudo tem como principal objetivo analisar o impacto da valorização cambial nas pautas de exportação brasileira e paranaense.

Palavras-chave: Câmbio. Competitividade. Pauta de Exportação.

1 INTRODUÇÃO

A taxa de câmbio aparece como um dos principais assuntos na discussão econômica recente, principalmente devido a sua constante e persistente tendência a valorização observada após o pico atingido no final do ano de 2002, cogitando-se à época, a possibilidade do câmbio ultrapassar a barreira de R\$ 4,00 por cada dólar, fato que hoje parece não mais fazer parte da realidade vivenciada pela economia brasileira.

Fica evidente a diferente realidade ao examinar o nível da taxa de câmbio no final de Fevereiro de 2008, quando ela rompeu a barreira de R\$ 1,70 por US\$ 1,00. Esse novo patamar da taxa de câmbio, extremamente valorizado, tem contribuído para o aquecimento das discussões sobre as possíveis influências e posteriores consequências infligidas à pauta de exportações do país e em cada uma de suas regiões. Além disso, devemos nos lembrar que

* Doutor em Economia pelo Cedeplar/UFMG. Coordenador do boletim de *Economia & Tecnologia* e professor do departamento de economia (DEPECON-UFPR). Endereço eletrônico: Luciano.nakabashi@ufpr.br

** Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Econômico (PPGDE-UFPR). Endereço eletrônico: foxluis@yahoo.com.br.

*** Mestre em Economia pela Universidade Federal do Paraná. Professor do departamento de economia (DEPECON-UFPR). Endereço eletrônico: marcio.cruz@ufpr.br

mudanças na competitividade das exportações, assim como das importações, tendem a afetar a estrutura produtiva de cada região, ocasionando outras formas de especialização produtiva.

Observa-se que a valorização cambial presenciada nos últimos anos ocorre em um momento onde a atual conjuntura internacional tem favorecido a entrada de divisas no país, a ponto de o Brasil, recentemente, ter se tornado credor mundial. Este fato foi anunciado pelo Banco Central como mais um passo em direção à solidificação dos fundamentos macroeconômicos brasileiros. Dando continuidade à onda de boas notícias e, para sustentar a nova trajetória vivenciada pelo país com relação a seu fundamento macroeconômico, o BC anunciou que o superávit primário do mês de Janeiro de 2008 foi “o melhor resultado para o mês desde o início da série, em 1991” (Nota para Imprensa, 25/02/2008), implicando em uma queda da relação dívida/PIB, que passou do patamar de 42,8 para 42,1.

A soma de todos estes fatos tem como resultado um cenário positivo de indicadores macroeconômicos que não se observa desde o final da década de 70, ainda que se persista uma taxa real de juros elevada, relativamente ao resto do mundo, permitindo ganhos de arbitragem entre as taxas de juros externa e interna.

Além do diferencial de juros, acompanhado de bons fundamentos macroeconômicos, que atraem a entrada de divisas através do mercado financeiro, o país tem sido muito favorecido pelo cenário internacional, com a expansão da demanda por *commodities*, principalmente dos países em desenvolvimento. O resultado tem sido um processo intenso de valorização do Real, desde meados de 2003.

Com o elevado crescimento econômico desse grupo de países, há uma elevação da demanda pelas *commodities*, o que é refletido na alta de seus respectivos preços, como podemos verificar nos dados apresentados na Tabela 1.

TABELA 1 – VARIAÇÃO DOS NÍVEIS DE PREÇOS PARA ALGUMAS *COMMODITIES* SELECIONADAS

Produto	Variação percentual entre Jan/07 e Jan/08
Soja	80,50%
Óleo de Soja	79,80%
Carnes de Aves	8,30%
Trigo	88,50%
Milho	25,10%
Açúcar	5,00%
Café	17,00%
Algodão	36,80%
Metais	-1,80%
Laranjas	30,30%

FONTE: IMF.Indices of Market Prices for Non-Fuel and Fuel Commodities.

Mesmo com a valorização cambial vivenciada pelo país, este ainda tem apresentado um bom desempenho na balança comercial. Contudo, tem se ampliado a tendência de queda na expectativa de superávit comercial, o que é preocupante pelo fato de que os problemas ocasionados pela constante valorização cambial não são acompanhados por ganhos de produtividade.

De acordo com os dados apresentados na Figura 1, a taxa de câmbio efetiva real é a menor desde o início do Plano Real, isto é, a taxa de câmbio efetiva, descontada a inflação americana e a brasileira atingiu o menor nível desde o início do plano real, fato alarmante para a competitividade das atividades produtivas instaladas no Brasil.

GRÁFICO 1 – EVOLUÇÃO DA TAXA DE CÂMBIO BRASILEIRA



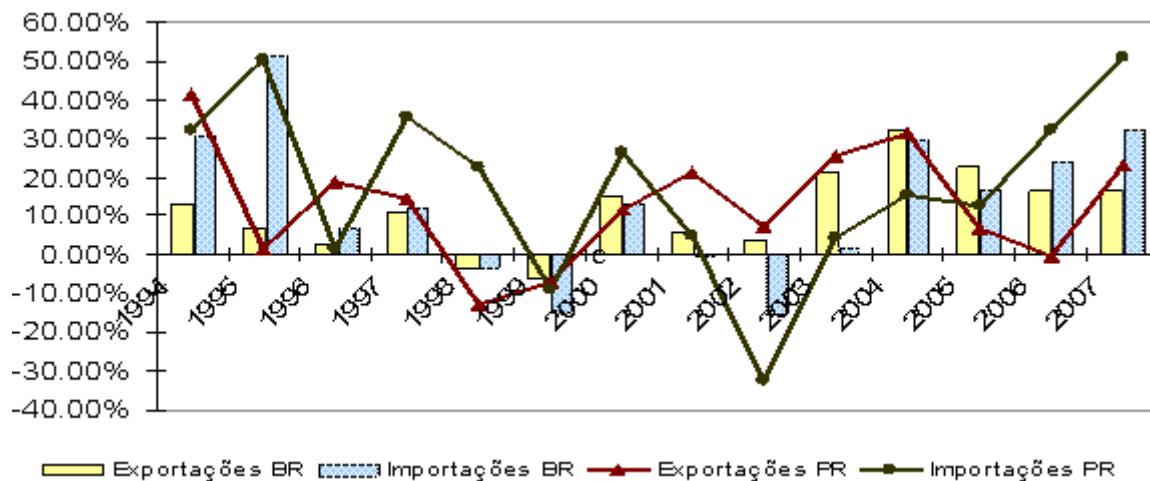
FONTE: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA)

NOTA: Índice (média 2000 = 100)

Percebe-se que alguns efeitos da valorização cambial já são nítidos sendo possível summarizá-los pelo aumento das importações a taxas superiores às das exportações, que inicia esta trajetória em 2006, intensificando-a em 2007, de modo a caracterizar a tendência ao déficit na conta corrente brasileira.

As exportações continuam sendo impulsionadas pelo cenário externo favorável, mas já é possível notar uma queda nas taxas de crescimento destas, sobretudo no estado do Paraná, de acordo com os dados apresentados no gráfico 2. Adicionalmente, as taxas de crescimento das importações paranaenses vêm se elevando e já são maiores que as das exportações desde 2005.

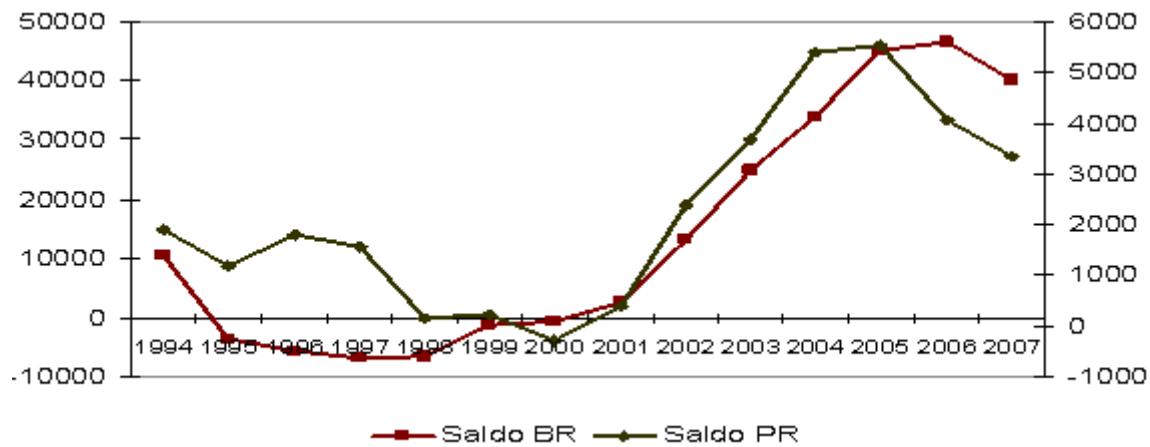
GRÁFICO 2 – EVOLUÇÃO DAS TAXAS DE CRESCIMENTO DAS EXPORTAÇÕES E IMPORTAÇÕES: BRASIL E PARANÁ



FONTE: Elaboração própria a partir dos dados do SECEX/MDIC

Uma das consequências desse processo é a queda nos saldos das balanças comerciais tanto no Paraná, quanto no Brasil. No gráfico 3 fica evidente a queda no saldo da balança comercial do Paraná, a partir de 2005, e do Brasil, a partir de 2006.

GRÁFICO 3 – EVOLUÇÃO DO SALDO DA BALANÇA COMERCIAL (US\$ 1.000 FOB): BRASIL E PARANÁ



FONTE: Elaboração própria a partir dos dados do SECEX/MDIC

NOTA: Eixo esquerdo: Paraná. Eixo direito: Brasil.

O saldo da balança comercial ainda é positivo nos dois casos. No entanto, de acordo com dados do Banco Central do Brasil, em janeiro de 2008, foi registrado um déficit em conta corrente de US\$ 4,332 bilhões, sendo o mais alto desde outubro de 1998. Dito de outro

modo, o saldo da balança comercial brasileira já não é suficiente para cobrir o déficit na conta de serviços.

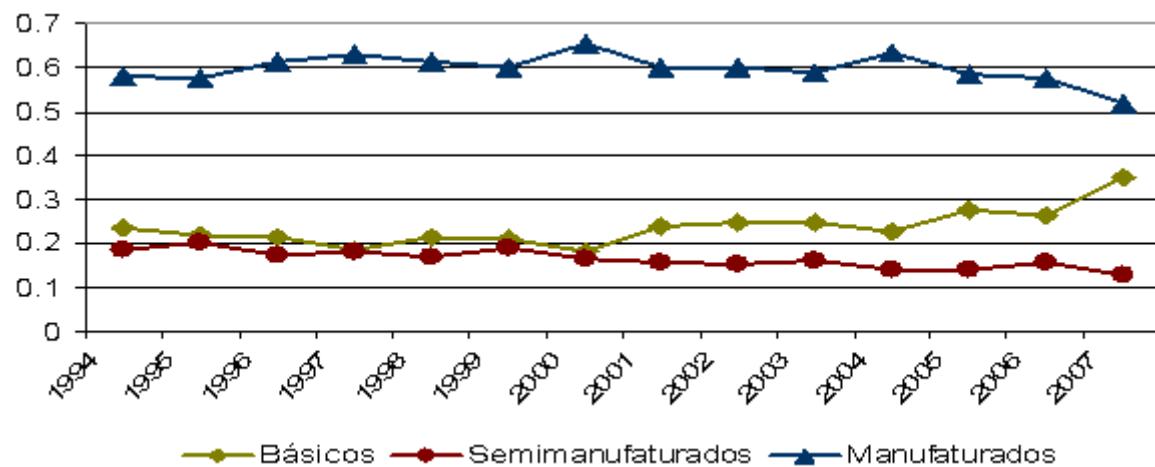
A relevância desse processo é que a mudança na trajetória da economia brasileira nos últimos anos também tem relação com o bom desempenho da balança comercial e da conta corrente. Apesar do reconhecimento, por parte de vários analistas econômicos, da melhora dos fundamentos da economia brasileira, pouco se tem falado sobre o papel crucial dos superávits alcançados nessas duas contas no período recente.

A situação fica ainda mais preocupante quando se considera a mudança no cenário externo com a recessão da economia americana que começa a tomar forma. Desse modo, existe outra força trabalhando no sentido de piorar a situação das contas externas brasileiras e paranaenses.

Cabe ainda ressaltar que o setor externo da economia paranaense está sofrendo mais do que a média brasileira nesse processo, como visto anteriormente, o que indica uma maior sensibilidade à variação cambial, por parte da pauta paranaense.

Outro efeito relevante é a mudança na estrutura das exportações brasileiras, como é nítido pelos dados apresentados no gráfico 4. Os segmentos não industriais, puxados pelo aumento da demanda e dos preços internacionais, foram os que mais cresceram relativamente. A participação dos produtos básicos na pauta de exportações passou de 23,62%, em 1994, para 35,12%, em 2007. Esse aumento de participação foi compensando pela queda da participação dos produtos manufaturados.

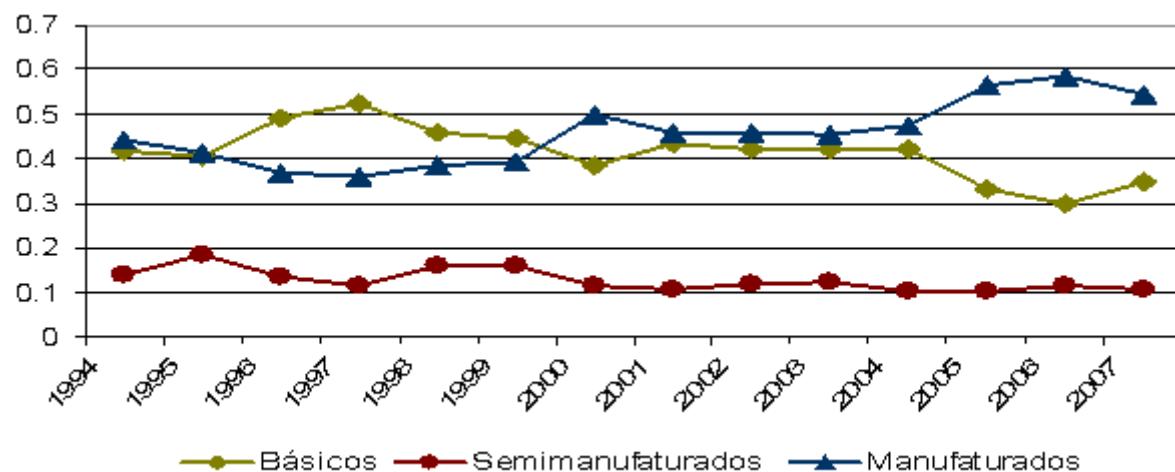
GRÁFICO 4 – EVOLUÇÃO DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS POR FATOR AGREGADO



FONTE: Elaboração própria a partir dos dados do SECEX/MDIC

Nesse quesito, o cenário é um pouco distinto para o Paraná. Em 1994, a participação dos produtos básicos na pauta de exportação paranaense era bem superior à participação destes na pauta de exportação brasileira (41,87% contra 23,62%, respectivamente). No período 1994-2007, ocorreu uma tendência de queda da participação dos produtos básicos com o concomitante aumento dos produtos manufaturados na pauta de exportação paranaense, caracterizando uma melhora na qualidade das relações externas paranaenses com o mundo, uma vez que o estado diversificou sua pauta de exportações além de reduzir a participação de produtos básicos, sujeitos a diversas oscilações durante os ciclos econômicos. Este fato pode ser observado de acordo com os dados apresentados na Figura 5:

GRÁFICO 5 – EVOLUÇÃO DAS EXPORTAÇÕES PARANAENSES POR FATOR AGREGADO



FONTE: Elaboração própria a partir dos dados do SECEX/MDIC

No entanto, é clara a reversão desse processo a partir de 2006. Assim como no caso brasileiro, nos últimos anos ocorreu uma tendência de alta na participação dos produtos básicos na pauta de exportação paranaense. O problema desse processo é o aumento da dependência das exportações em bens que são menos dinâmicos tecnologicamente, o que pode prejudicar o desempenho exportador no médio e no longo prazo.

Fazendo uma maior desagregação dos dados, o que possibilita uma melhor compreensão do que ocorre com a pauta de exportações nas duas regiões, observa-se, na Tabela 2, que os efeitos da elevada demanda internacional por produtos industriais básicos e *commodities* e da valorização cambial sobre as mudanças na pauta de exportação brasileira são nítidos.

A elevação das exportações de óleos brutos de petróleo seria de se esperar pelo aumento da exploração destes no território nacional. No entanto, de acordo com os dados

apresentados na Tabela 1, é visível o aumento da participação de produtos industriais básicos ou *commodities* como: 1) minérios de ferro aglomerados e seus concentrados; 2) outros grãos de soja, mesmo triturados; 3) açúcar de cana em bruto, até 2006; 4) pedaços e miudezas, comest. de galos/galinhas, congelados; 5) carnes desossadas de bovino, congeladas; 6) outs. açucares de cana, beterraba, sacarose e quím. pura, sol; 7) milho em grão, exceto para semeadura; 8) ferro fundido bruto não ligado,c/peso $\leq 0,5\%$ de fósforo; 9) outras gasolinhas; 10) *fuel-oil*; 11) carnes de galos/galinhas,n/cortadas em pedaços, congel.; 12) álcool etílico n/desnaturado c/vol.teor alcoólico $\geq 80\%$; e 13) ferroniobio.

TABELA 2 – PARTICIPAÇÃO DOS 30 PRINCIPAIS PRODUTOS NA PAUTA DE EXPORTAÇÃO DO BRASIL EM PORCENTAGEM - 2007

Descrição NCM	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007
OLEOS BRUTOS DE PETROLEO	0,29	1,24	2,8	2,9	2,61	3,51	5	5,54
MINERIOS DE FERRO NAO AGLOMERADOS E SEUS CONCENTRADOS	3,36	3,29	3,34	3,12	3,15	3,74	4,17	4,43
OUTROS GRAOS DE SOJA,MESMO TRITURADOS	3,96	4,67	5,01	5,86	5,57	4,51	4,11	4,17
OUTROS AVIOES/VEICULOS AEREOS,PESO $>15000\text{KG}$,VAZIOS	1,09	0,86	0,6	0,08	1,22	1,52	1,71	2,34
MINERIOS DE FERRO AGLOMERADOS E SEUS CONCENTRADOS	2,17	1,74	1,7	1,6	1,78	2,41	2,32	2,14
CAFE NAO TORRADO,NAO DESCAFEINADO,EM GRAO	2,83	2,07	1,98	1,78	1,81	2,12	2,12	2,1
AUTOMOVEIS C/MOTOR EXPLOSAO,1500 $<\text{CM}^3\leq 3000$,ATE 6 PASSAG	2,06	2,13	2,46	2,84	2,49	2,39	2,18	1,96
ACUCAR DE CANA,EM BRUTO	1,38	2,4	1,84	1,84	1,56	2,01	2,86	1,95
BAGACOS E OUTS.RESIDUOS SOLIDOS,DA EXTR.DO OLEO DE SOJA	2,99	3,54	3,64	3,55	3,38	2,42	1,76	1,84
PASTA QUIM.MADEIRA DE N/CONIF.A SODA/SULFATO,SEMI/BRANQ	2,77	2,05	1,84	2,3	1,72	1,67	1,76	1,83
PEDACOS E MIUDEZAS,COMEST.DE GALOS/GALINHAS,CONGELADOS	0,81	1,35	1,46	1,49	1,75	1,89	1,44	1,73
CARNES DESOSSADAS DE BOVINO,CONGELADAS	0,6	0,86	0,84	0,99	1,42	1,51	1,79	1,68
OUTS.ACUCARES DE CANA,BETERRABA,SACAROSE QUIM.PURA,SOL.	0,79	1,51	1,63	1,08	1,17	1,3	1,62	1,23
MILHO EM GRAO,EXCETO PARA SEMEADURA	0	0,85	0,43	0,5	0,6	0,09	0,33	1,17
FERRO FUNDIDO BRUTO NAO LIGADO,C/PESO $\leq 0,5\%$ DE FOSFORO	0,81	0,73	0,78	0,78	1,22	1,53	1,19	1,16
TERMINAIS PORTÁTEIS DE TELEFONIA CELULAR	-	-	-	-	-	-	0	1,15
OUTRAS GASOLINAS	-	-	0,68	0,74	0,58	0,89	0,87	1,14
"FUEL-OIL"	-	-	0,89	1,34	1,22	1,19	1,41	1,09
FUMO N/MANUF.TOTAL/PARC.DESTAL.FLS.SECAS,ETC.VIRGINIA	1,05	1,17	1,22	1,08	1,09	1,1	0,94	1,08
CONSUMO DE BORDO - COMBUSTIVEIS E LUBRIF.P/EMBARCACOES	0,96	0,87	0,97	1,01	0,85	0,92	0,95	0,96
SUCOS DE LARANJAS,CONGELADOS,não FERMENTADOS	1,85	1,39	1,44	1,24	0,82	0,67	0,76	0,96
ALUMINIO NAO LIGADO EM FORMA BRUTA	1,72	1,16	1,35	1,23	0,98	0,86	1,08	0,94
CARNES DE GALOS/GALINHAS,N/CORTADAS EM PEDACOS,CONGEL.	0,65	0,86	0,75	0,84	0,83	0,92	0,68	0,9
ALCOOL ETILICO N/DESNATURADO C/VOL.TEOR ALCOOLICO $\geq 80\%$	0,06	0,16	0,28	0,2	0,48	0,63	1,04	0,9
ALUMINA CALCINADA	0,39	0,34	0,28	0,44	0,43	0,48	0,79	0,8
CONSUMO DE BORDO - COMBUSTIVEIS E LUBRIF.P/AERONAVES	0,81	0,94	0,58	0,52	0,53	0,78	0,82	0,78
OLEO DE SOJA,EM BRUTO,MESMO DEGOMADO	0,54	0,71	1,12	1,42	1,2	0,86	0,6	0,76
OUTROS PRODS.SEMIMANUF.FERRO/ACO,C $<0,25\%$,SEC.TRANSV.RET	1,47	1,06	1,53	1,26	1,26	0,91	0,84	0,76
FERRONIOBIO	0,44	0,43	0,44	0,38	0,31	0,36	0,39	0,66
AUTOMOVEIS C/MOTOR EXPLOSAO,1000 $<\text{CM}^3\leq 1500$,ATE 6 PASSAG	0,24	0,19	0,12	0,17	0,41	0,87	0,81	0,65

FONTE: Elaboração própria a partir de dados do SECEX/MDIC.

NOTA: A reação aluminotérmica, o concentrado de pirocloro, fluorita e pó de ferro, além do redutor, pó de alumínio, reagem entre si produzindo uma liga de ferronióbio". Fonte: <http://www.angloamerican.com.br>. Acessado em 05/03/2008.

Algumas exceções são o aumento da participação dos seguintes bens na pauta de exportação: outros aviões/veículos aéreos, peso>15000kg, vazios; automóveis c/motor explosão, 1000<cm3<=1500, até 6 passag; e terminais portáteis de telefonia celular.

Esses são produtos de maior valor agregado, além de possuírem maiores elasticidades renda da demanda. Desse modo, respondem de uma forma mais dinâmica ao crescimento da renda mundial.

No entanto, o crescimento destes não é suficiente para compensar a elevação dos produtos indústrias básicos e das *commodities*.

Seguindo a mesma discussão realizada para o caso brasileiro, o câmbio se apresenta como a principal variável na determinação das mudanças na pauta de exportação paranaense ocorrida nos últimos anos. Pela Tabela 3 abaixo, percebe-se que ocorreram mudanças significativas na pauta de exportação dessa região. Alguns produtos ganharam participação com o aumento da demanda mundial por *commodities* e produtos industriais básicos, como, por exemplo, pedaços e miudezas, comestíveis de galos/galinhas; carnes de galos/galinhas cortadas em pedaços; óleo de soja, em bruto, mesmo degomado; açúcar de cana, em bruto; óleo de soja, refinado, em recipientes com capa; álcool etílico n/ desnaturado c/ vol. teor álcool; preparações alimentícias e conservas, de peru, madeira de coníferas, perfilada; carnes de outs. animais, salgadas secas, etc; e outras gasolinhas.

Também chama atenção a perda de participação dos quatro principais itens da pauta de exportação paranaense. Apesar da queda, milho em grão, exceto para semeadura tem recuperado espaço depois de ter uma participação de apenas 0,59%, em 2005. Se considerados os três principais itens da pauta paranaense, em 2007, eles representavam aproximadamente 40% das exportações, em 2000, passando para 21,6%, em 2007.

Automóveis com motor a explosão (1500<CM3<=3000, AT), um item com um mercado mais dinâmico perdeu metade da participação no período. Um caso parecido é o de outros motores de explosão (p/veic.cap.87,sup), automóveis com motor a explosão (1000<CM3<=1500, AT), bombas injetoras de combustível para motor diesel, outras partes e acess.p/tratores e veículos.

Assim, apesar do ganho em algumas *commodities* e bens industriais básicos e da maior diversificação destes com a perda de participação da soja e de alguns de seus derivados; alguns produtos com valor agregado mais elevado e de maior dinamismo, parecem estar perdendo participação na pauta de exportação do Paraná, no período 2000-2007. É importante ressaltar

a tendência diferenciada entre a pauta de exportações brasileira e o caso paranaense entre 2003 e 2006, período no qual a participação de manufaturados aumenta no Paraná.

Da breve análise feita anteriormente, podemos concluir que apesar dos ganhos de curto prazo gerados pela elevação nos níveis de preços mundiais das *commodities*, nos médio e longo prazos os efeitos podem ser negativos sobre o dinamismo da economia brasileira.

TABELA 3 – PARTICIPAÇÃO DOS 30 PRINCIPAIS PRODUTOS NA PAUTA DE EXPORTAÇÃO DO PARANÁ (2007): EM PORCENTAGEM (%)

Descrição NCM	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007
OUTROS GRAOS DE SOJA,MESMO TRITURADOS	15,35	12,59	15,02	15,05	13,52	9,44	6,58	8,48
BAGACOS E OUTS.RESIDUOS SOLIDOS,DA EXTR.DO OL	14,52	14,2	13,28	12,2	11,51	8,8	7,94	7,68
AUTOMOVEIS C/MOTOR EXPLOSAO,1500<CM3<=3000,AT	10,84	12,19	10,61	7,55	4,47	4,5	3,98	5,52
MILHO EM GRAO,EXCETO PARA SEMEADURA	-	6,79	4,08	4,11	4,72	0,59	3,41	5,52
PEDACOS E MIUDEZAS,COMEST.DE GALOS/GALINHAS,C	1,79	2,65	3,23	3,35	4,11	5,34	4,81	4,93
CARNES DE GALOS/GALINHAS,N/CORTADAS EM PEDACO	3,21	3,39	2,58	2,88	3,12	4,02	3,4	4,07
OLEO DE SOJA,EM BRUTO,MESMO DEGOMADO	3,37	3,15	4,68	5,69	4,9	3,42	3,48	3,85
ACUCAR DE CANA,EM BRUTO	2,57	2,87	2,26	2,41	1,65	2,22	4,08	3,11
OUTS.MAD.COMP.FOLHEADA,ESPESS.Ñ SUP.A 6MM	2,76	2,15	2,84	3,92	4,51	3,94	-	2,41
OLEO DE SOJA,REFINADO,EM RECIPIENTES COM CAPA	-	-	0,58	1,67	1,31	1,15	1,7	1,95
OUTROS MOTORES DE EXPLOSAO,P/VEIC.CAP.87,SUP.	0,41	2,89	4,6	4,86	4,44	4,04	4,21	1,82
INJETORES PARA MOTORES DIESEL OU SEMIDIESEL	1,02	0,75	0,95	0,97	1,17	1,07	1,73	1,82
AUTOMOVEIS C/MOTOR EXPLOSAO,1000<CM3<=1500,AT	-	-	-	-	0,41	4,61	2,38	1,8
ALCOOL ETILICO N/DESNATURADO C/VOL.TEOR ALCOO	-	-	-	-	0,3	0,46	1,21	1,5
CAFE SOLUVEL,MESMO DESCAFEINADO	2,51	1,81	1,47	1,51	1,3	1,59	1,61	1,5
CONSUMO DE BORDO – COMBUSTIVEIS E LUBRIF.P/EM	1,62	1,08	1,24	1,05	0,92	1,3	1,75	1,29
OUTROS TRATORES	0,34	0,33	0,66	0,92	0,6	1	1,18	1,26
PREPARACOES ALIMENTICIAS E CONSERVAS,DE PERU	-	-	-	-	0,01	0,19	0,82	1,13
BOMBAS INJETORAS DE COMBUSTIVEL P/MOTOR DIESE	2,31	1,12	0,69	0,86	1,47	1,89	1,49	1,11
MADEIRA DE CONIFERAS,PERFILADA	-	-	-	-	0,27	1,04	1,63	1,02
TRATORES RODOVIARIOS P/SEMI-REBOQUES	0,58	0,45	0,42	0,43	0,88	0,99	1,02	0,98
CARNES DE OUTS.ANIMAIS,SALGADAS,SECAS,ETC.	-	-	-	-	-	-	0,07	0,97
MADEIRA DE CONIFERAS,SERRADA/CORTADA EM FLS.E	1,97	1,6	1,82	1,61	1,48	1,56	1,32	0,91
OUTRAS GASOLINAS	-	-	-	-	0,03	0,17	0,32	0,76
OUTRAS MAQUINAS E APARELHOS P/COLHEITA	0,14	0,32	0,19	0,55	0,87	0,59	0,46	0,65
CHASSIS C/MOTOR DIESEL E CABINA,CARGA>20T	0,51	0,11	0,08	0,51	0,31	1,03	0,51	0,64
OUTRAS PARTES E ACESS.P/TRATORES E VEICULOS A	3,5	2,6	0,41	0,38	0,43	0,6	0,72	0,64
PRODS.SEMIMANUFAT.DE FERRO/ACO,N/LIGADOS,CARB	0,06	0,13	0,29	0,56	0,54	0,52	0,51	0,62
CAFE NAO TORRADO,NAO DESCAFEINADO,EM GRAO	0,88	0,42	0,56	0,65	0,71	0,66	0,85	0,6
AUTOMOVEIS C/MOTOR DIESEL,CM3<=1500,ATE 6 PAS	-	-	-	-	0,04	0,88	0,47	0,6
TOTAL DA PARTICIPAÇÃO DOS 30 PRODUTOS	70,26	73,59	72,54	73,69	70	67,61	63,64	69,14

FONTE: Elaboração própria a partir de dados do SECEX/MDIC.

Além da maior especialização da pauta de exportação em produtos menos dinâmicos e com baixa elasticidade renda; no médio prazo ocorrerá uma queda em seus respectivos preços devido a um aumento da oferta mundial e/ou queda da demanda por *commodities*. Essa queda seria esperada na medida em que os principais países em desenvolvimento que

apresentam elevado crescimento comecem a entrar em uma etapa de crescimento moderado e que a estrutura da demanda internacional comece a se alterar naturalmente com a elevação de suas respectivas renda per capita.

Com relação à rapidez dessas mudanças, cabe lembrar que, na medida que China e Índia passam por um processo de crescimento acelerado há um longo período de tempo, essa tendência de mudança da demanda internacional pode levar um tempo considerável em função da magnitude da população destes países e da pobreza ainda a ser combatida.

Ainda assim, a economia brasileira, bem como a paranaense, devem estar atentas e se utilizar dos instrumentos adequados para se beneficiarem do processo, o que passa por manter uma pauta de exportações com produtos de maior valor agregado e elevada elasticidade-renda.

REFERÊNCIAS

IPEADATA. Disponível em: <http://www.ipeadata.gov>. Acesso em 07/03/2008.

SECEX. Disponível em: www2.desenvolvimento.gov.br/sitio/secex/. Acesso em: 08/03/2008.